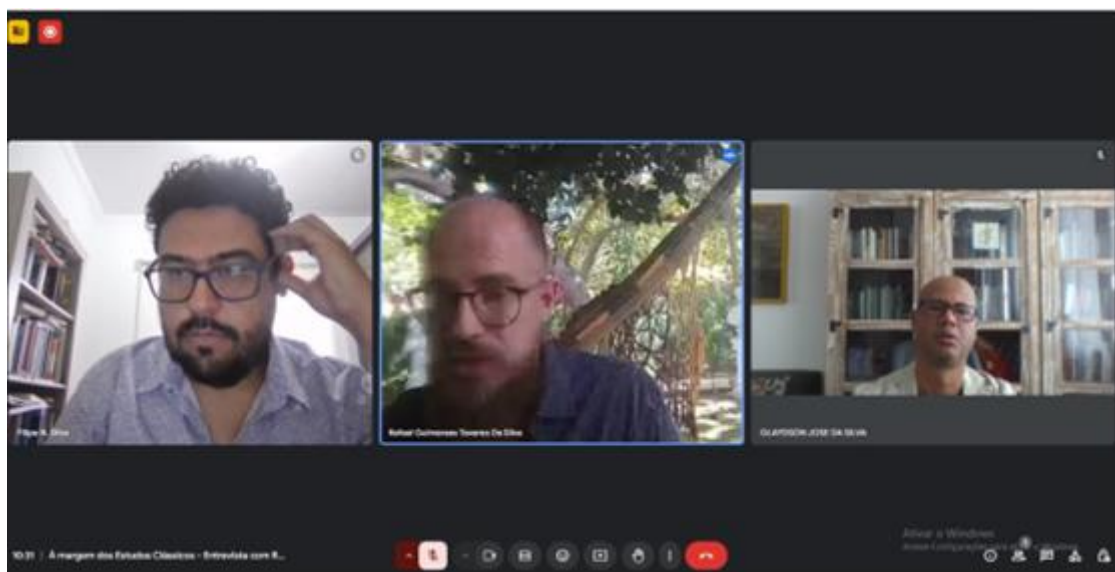


À MARGEM DA HISTÓRIA DOS ESTUDOS CLÁSSICOS - ENTREVISTA COM RAFAEL GUIMARÃES TAVARES DA SILVA

Rafael Guimarães Tavares da Silva¹

Glaysdon José da Silva²

Filipe Noé da Silva³



Entrevista realizada por Glaysdon José da Silva e Filipe Noé da Silva, em 18 de dezembro de 2024. Duração: 01 hora e 11 minutos. Link para o vídeo da entrevista:

[\[https://youtu.be/PZXhQzd2aB0\]](https://youtu.be/PZXhQzd2aB0)

¹ Professor Doutor –Universidade Estadual do Ceará, Aracati, Brasil. E-mail: rafae.silva@uece.br.

² Professor Associado – Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, Brasil. E-mail: gjsilva@unifesp.br

³ Professor Adjunto – História Antiga e Medieval, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil. E-mail: fnd.silva@udesc.br

Glaidson José da Silva (*Revista Heródoto*)

Olá, meu nome é Glaidson José da Silva, sou professor de História Antiga da Escola de Filosofia e Letras da Universidade Federal de São Paulo e editor da *Revista Heródoto*. Estamos aqui hoje para gravar uma entrevista com o professor Rafael Guimarães Tavares da Silva, professor da Universidade Estadual do Ceará e responsável pela organização do dossiê *À Margem da História dos Estudos Clássicos*, que integrará o volume 10, volume especial da *Heródoto*. Então, muito bom dia, Rafael.

Rafael Guimarães Tavares da Silva

Bom dia, Glaidson, bom dia, Filipe. Obrigado pelo convite. É um prazer estar com vocês aqui hoje.

Glaidson José da Silva (*Revista Heródoto*)

Bom, acompanha essa entrevista hoje e realizará essa entrevista comigo o professor Filipe Noé da Silva, também editor da *Heródoto*. Rafael, algumas questões: você é um jovem estudioso dos Estudos Clássicos que tem se destacado em nosso contexto por diferentes inserções – ligadas à Literatura, à Filosofia, à História da Antiguidade. Talvez uma boa forma de iniciarmos essa conversa seja um convite a uma autorreflexão acerca da sua trajetória pessoal e intelectual até aqui, acerca dos caminhos que o trouxeram até esse momento da sua carreira. Você poderia falar um pouco a esse respeito? Seria um bom início de conversa.

Rafael Guimarães Tavares da Silva

É sempre muito difícil falar sobre as origens de um percurso, mas, no meu caso, eu destaco especialmente a importância do incentivo à leitura desde a infância, por parte da minha mãe e de alguns professores que me marcaram, e, no âmbito desse incentivo, eu destaco especialmente o contato que eu tive com o jogo de Role Playing Game, o chamado RPG, a partir de diferentes sistemas desse jogo, alguns deles de ambientação medieval, de ambientação antiga. Ainda muito jovem, com 12, 13, 14, 15 anos, comecei a estudar um pouco sobre História Medieval, História Antiga, me interessando pelas línguas, pelos artefatos. Isso no âmbito de um jogo que propunha aventuras para jogadores vivenciarem esses universos fantásticos em diálogo com o passado.

Quando entrei na universidade, eu fiz a primeira opção pelo curso de Direito, e, nesse curso, entre outras disciplinas, cursei o latim, disciplina ministrada pelo professor Matheus Trevizam, na UFMG, e me identifiquei imediatamente com esse estudo, mas nem um pouco com as outras disciplinas específicas de Direito, o que me fez abandonar esse curso no terceiro período, no quarto período, e migrar para o curso de Letras, onde, a princípio, o meu intuito era estudar o latim. Só que, como eu já tinha feito a primeira disciplina do curso, eu não podia entrar como calouro e estudar imediatamente o latim II, o que me levou a fazer o curso de grego I, como uma espécie de teste, mera deriva inicial, enquanto eu esperava poder cursar o latim II no segundo período. Mas foi uma deriva que me levou irremediavelmente para o mundo grego, porque eu fiz o curso com o professor Jacyntho Lins Brandão, que me maravilhava tanto nas aulas de língua quanto nas de literatura, e eu tive certeza absoluta de que, para o meu percurso, o estudo da Grécia Antiga seria incontornável, ainda que eu viesse a me interessar depois e fazer, de fato, as disciplinas de língua e literatura latinas com outros professores igualmente importantes.

Mas eu destaco muito o papel do professor Jacyntho Lins Brandão na minha formação. Ele e os seus livros me marcaram profundamente, e foi graças ao incentivo dele, sobretudo, que eu fiz disciplinas em outras áreas das humanidades, na UFMG, incluindo a Filosofia Antiga, onde conheci professores como Marcelo Marques Pimenta e Maria Cecília de Miranda Nogueira Coelho, e também de História Antiga, onde conheci o professor José Antônio Dabdab Trabulsi, que é excepcional. Nessas disciplinas, enquanto eu as cursava, iniciei amizades com colegas muito perspicazes que me fizeram ver questões interessantes no estudo da Antiguidade, e eu destaco a importância dessas amizades durante o percurso acadêmico, mencionando aqui os nomes da Lorena Lopes da Costa, o Igor Barbosa Cardoso, ambos da História Antiga, o Luiz Philipe de Caux e o Gabriel Lago Barroso, da Filosofia Contemporânea.

Todos me marcaram muito, e eu destaco a importância dessa relação com os colegas na vida acadêmica. Ainda enquanto eu me formava bacharel em grego antigo, atuei no Centro de Extensão (CENEX) com o ensino de grego antigo. Foi um período importante, sob a orientação do professor Olimar Flores Júnior, e atuei também como monitor das disciplinas de grego antigo na graduação.

Esse momento foi muito formador. Eu tive certeza de que queria atuar dando aulas de cultura grega, de língua grega, eventualmente também de língua e cultura latinas, e fiz outras amizades que me marcaram nas Letras, incluindo pessoas que depois se tornaram professores de universidades públicas no Brasil, como o Gustavo Frade, a Júlia Batista Castilho de

Avellar, e outros. Concluindo os trabalhos de graduação, eu escrevi uma monografia intitulada *Uma Poética de Platão*, que já apontava alguns dos caminhos para os quais os meus estudos iam se dirigir, porque eu entrei no mestrado, na UFMG, onde comecei um trabalho sobre arqueologias do drama, pensando nas várias hipóteses sobre as origens do drama na Grécia Antiga, e esse trabalho está em diálogo com a proposta anterior, porque justamente Platão é um dos nomes importantes para refletir sobre as origens da poesia, as origens do drama, tal como ele trabalha na *República*, nas *Leis*, obviamente inspirando o que Aristóteles vai propor na *Poética*. Esse filão que eu investiguei ao longo do meu mestrado envolveu textos que, eventualmente, incluíram também os nomes de Nietzsche, Wilamowitz e, mais próximos de nós, do próprio Dabdab Trabulsi. Ali eu esbocei o que depois viria a publicar como livro, pelas edições Loyola, *Origens do Drama Clássico na Grécia Antiga*, pensando drama em sentido bastante lato, incluindo tragédia, comédia, drama satírico, mas investigando, sobretudo, as origens desses gêneros, com base no que é o ditirambo arcaico, no que são as performances poéticas, de modo geral, da tradição épica, mas também da tradição mélica. Esse foi um trabalho, a meu ver, muito importante para o meu amadurecimento intelectual, porque me mostrou que diferentes teorias sobre um determinado tema podem variar muito segundo os pressupostos teóricos de que se parte, e esse foi um amadurecimento teórico, então, para a importância das teorias que se adotam no momento de propor uma pesquisa.

Durante o mestrado, atuei no chamado Apoio Pedagógico, que me ofereceu uma experiência, tanto durante o mestrado quanto o doutorado, de seis anos na sala de aula em nível superior, como voluntário, e destaco a importância do trabalho que a professora Heloísa Penna realizou com esse projeto, que permitia a pós-graduandos terem uma experiência docente durante o período da pós-graduação.

Foi, de fato, muito importante para mim, e concluí esse período de pós-graduação com o doutorado, tendo atuado por um tempo como editor da revista *Em Tese*, revista discente da pós-graduação do curso de Letras da UFMG. Por lá, organizei alguns dossiês. Tive essa experiência de trabalho como editor de textos, e foi onde, pela primeira vez, me dei conta da possibilidade de agir no debate intelectual por meio da proposição de temas em revistas, tal como eu viria a fazer agora com essa proposta da *Heródoto*. Foi no doutorado que eu defendi uma tese intitulada *O Evangelho de Homero: Por uma outra história dos Estudos Clássicos*, que, de certa forma, encaminhou esse percurso anterior de investigação sobre temas da Antiguidade, mas sempre à luz de problemáticas relativas à teoria

moderna, à teoria contemporânea, pensando no lugar dos estudos clássicos no mundo de hoje.

Terminado o doutorado, teoricamente a minha formação tinha chegado ao fim. Veio então aquele período de limbo, que é até se conseguir uma posição numa universidade, em meio a muita angústia, como ocorre com a maior parte dos pós-graduados no Brasil, porque há muita incerteza. Nesse período eu, inclusive, compartilhei algumas das minhas reflexões numa série de vídeos que eu intitulei “Existe vida (acadêmica) depois da pós-graduação?”. Eu os disponibilizei lá no meu canal no YouTube, “Rafael Silva Letras”. Neles, abordo esse problema dos processos seletivos, de certos arranjos, às vezes, não necessariamente muito democráticos ou não muito transparentes na regência de concursos públicos. Em todo caso, eventualmente tive sucesso e estou muito feliz hoje atuando aqui na Universidade Estadual do Ceará, onde tenho dado continuidade a esses trabalhos anteriores.

Glaidson José da Silva (*Revista Heródoto*)

Rafael, obrigado pela resposta. Esse percurso, sobretudo ao final da sua fala, remete a uma experiência muito comum de muitos jovens doutores que têm uma excelente formação e depois buscam uma inserção e experimentam todas as adversidades, os percalços próprios mesmo desse momento da trajetória escolar, da trajetória acadêmica. Às vezes, a gente tende a não entender muito isso e vai entender *a posteriori*, às vezes, como funciona toda essa dinâmica. Um aspecto que me chamou a atenção na sua fala foi essa relação com redes de colaboração. São redes de afeto, de amizade, dentro da universidade, e os jovens se retroalimentam em redes de colaboração acadêmica. A outra questão que tenho a colocar para você, e que eu gostaria de retomar aqui é o seu último trabalho monográfico, sua tese de doutorado – *O Evangelho de Homero: Por uma outra história dos Estudos Clássicos*. Ainda que tenhamos no Brasil importantes tradutores e estudiosos de Homero e de sua obra, não se pode dizer que há no país uma tradição de estudos homéricos. Nesse sentido, como a sua pesquisa se aproxima e se distancia da produção aqui desenvolvida, com quem ela dialoga? E num sentido mais amplo, internacional, em quais frentes se insere uma pesquisa como a sua?

Rafael Guimarães Tavares da Silva

São recentes, de fato, os estudos acadêmicos publicados no Brasil sobre Homero. Pelo que me recordo, o mais antigo é um livro chamado *Introdução a Homero*, escrito pelo Robert Henri Aubreton, que foi professor na USP durante uns anos, na década de 50. Esse livro é de 1956. De lá para cá surgiram importantes estudos e trabalhos sobre a tradição homérica no Brasil, na UFMG mesmo, por onde eu fiz toda a minha formação.

Nós temos um importante centro de homeristas por lá. Eu gosto muito da obra *Antiga Musa: Arqueologia da ficção*, do professor Jacyntho Lins Brandão. Mas eu destaco também os trabalhos publicados por Teodoro Rennó Assunção, que foi meu orientador de mestrado e doutorado, assim como os trabalhos de Antônio Orlando de Oliveira Dourado Lopes, de Gustavo Frade e de Tatiana Chanoca.

Todos eles têm propostas importantes de interpretação do legado homérico, com os quais meu próprio trabalho dialoga em alguma medida. Na USP, também há importantes estudiosos. Eu destaco especialmente o André Malta, que tem uma tetralogia de estudos sobre Homero, dos quais eu menciono *A Musa difusa: visões da oralidade nos poemas homéricos*, porque é um título específico com o qual a minha tese dialoga diretamente no que diz respeito a essa conformação moderna de Homero, passando por nomes como Vico, o abade d'Aubignac e, eventualmente, o Wolf, que é, por assim dizer, o fundador dos estudos modernos acerca de Homero. Há muitos outros estudiosos importantes de Homero no Brasil hoje, mas esses foram aqueles com os quais minha pesquisa dialogou mais diretamente.

Falar sobre *O Evangelho de Homero* me impõe contar um pouco sobre o trabalho de pesquisa e as suas vicissitudes, porque toda dissertação e toda tese trabalham com um projeto, que é uma espécie de roteiro prévio, mas acabam oferecendo um destino que pode ser algo bastante diverso desse projeto, na medida em que as aventuras do pensamento, enquanto percorre as veredas da investigação, acabam deixando marcas no escrito, no produto final. O material textual final, a dissertação, a tese, são o destino alcançado pela pesquisa, mas também o registro dos percalços, dificuldades, soluções, ideias novas, derivas etc.

Nesse sentido, a minha pesquisa de doutorado partiu de um incômodo pessoal, mas que me parece ser compartilhado por colegas dessa geração mais nova, que entram na universidade já no século XXI, que pode ser colocado nas seguintes perguntas: por que e para que existem os estudos clássicos numa universidade brasileira nos dias de hoje? Eu colocava essa pergunta para professores, para colegas, e sentia um incômodo com o mero

colocar a pergunta, então, no doutorado, resolvi investigar isso melhor. Enquanto editor da revista *Em Tese*, propus um dossiê que saiu em duas edições, com o título “Em torno a uma Crise Clássica”, e eles são justamente desse momento inicial da pesquisa, quando eu estava tentando entender as questões educacionais em jogo no cenário contemporâneo, a politização desse debate, e, pouco a pouco, fui rastreando algumas referências importantes para a gente entender o lugar da educação clássica, então, o estudo do grego, o estudo do latim, o estudo da História Antiga, da Filosofia Antiga, dentro do debate educacional contemporâneo.

Aí eu percebi a importância das chamadas *Culture Wars*, esse contexto bem específico dos Estados Unidos, da década de 80, década de 90, e fui estudar sobre isso. Pouco a pouco, dei-me conta do papel de Homero dentro desses debates lá nos Estados Unidos. Achei um pouco curioso, mas investiguei isso a fundo, um título como, por exemplo, *Who Killed Homer?* É um livro publicado por Victor Davis Hanson e John Heath, em 1998, tendo se mostrado particularmente emblemático do tipo de debate que podia ser feito em torno a Homero, que funcionava como uma espécie de metonímia do campo clássico nesse debate mais amplo sobre educação, com questões como afirmação de uma identidade ocidental, eventualmente cancelamento de autores do cânone. Então, os posicionamentos de autores conservadores em termos políticos e progressistas variava muito, mas eu fui identificando que esse debate era reflexo de uma questão mais ampla e que respingava eventualmente em autores com algum interesse em temas clássicos, como, por exemplo, Allan Bloom, que publica um *best-seller* do pensamento conservador lá no final da década de 80, ou o Martin Bernal, que faz a mesma coisa, só que de uma perspectiva progressista, com o *Black Athena*: ele tenta trazer para a cena pública questões como, por exemplo, o racismo inerente da área de Clássicas, a constituição de uma visão etnocêntrica ou eurocêntrica desse cânone na modernidade e outros nomes que orbitam esse debate, como, por exemplo, a Mary Lefkowitz, que vai debater com o Martin Bernal, a Page DuBois, que entra aí também... A gente poderia citar muitos outros nomes. Então eu percebi que essas *Culture Wars* tinham, por assim dizer, precedentes.

Precedentes na chamada *Kulturkampf* do século XIX na Alemanha, na chamada *The Battle of Books* do século XVIII na Inglaterra, na *Querelle des Anciens et des Modernes* do século XVII e XVIII na França, em que, frequentemente, a questão era qual o lugar dos clássicos greco-romanos dentro da nossa cultura. E isso remontava ao Renascimento e, em última instância, à própria Antiguidade. O lugar do clássico nunca foi simples, e

me pareceu que Homero desempenhava uma metonímia para falar desse lugar clássico em várias dessas discussões.

Foi então, refletindo sobre esse lugar de Homero, que eu propus uma investigação sobre a constituição desses debates educacionais em volta dessa figura como metonímia do campo, em geral. Aí descobri a existência de um subcampo, um subgênero, chamado História dos Estudos Clássicos, dedicado especificamente a escrever a história do campo. E foi uma surpresa para mim constatar que esse subgênero surgiu no final do século XVIII com o Wolf, tendo sido mais ou menos praticado ao longo do século XIX, com um florescimento de fato só no século XX com a proposta de histórias do campo que, em geral, pretendiam justificar sua importância no presente por meio de uma história que remontava à Antiguidade.

O argumento era mais ou menos assim: os estudos clássicos têm que ter uma centralidade no debate educacional hoje porque, ao longo de toda a nossa história, eles foram centrais. A gente encontra isso nos trabalhos do Sir John Edwin Sandys, do Ulrich von Wilamowitz-Moellendorff, do Rudolf Pfeiffer... Lendo um livro da Pascale Hummel, uma estudiosa francesa, chamado *Histoire de l'histoire de la philologie*, constatei que nessa tarefa de escrever a história dos estudos clássicos às vezes a nomenclatura varia: Filologia Clássica, Ciência da Antiguidade, *Alttertumswissenschaft*, *Classical Scholarship* etc. Mas aquilo com que eles estão preocupados é o lugar desse legado greco-romano em termos de letras, história, filosofia, nos dias de hoje, de uma perspectiva que vai contar essa história do passado. Eu percebi que havia uma série de, digamos, “coincidências” entre as diferentes versões dessa história e essas “coincidências” sempre incluíam dizer que a história dos estudos clássicos remontava à própria Antiguidade. Foram os próprios antigos que começaram a escrever essa história, seja com os bibliotecários de Alexandria no período helenístico, seja com Aristóteles, Platão e os sofistas no período clássico; seja, mais curiosamente, com os próprios rapsodos e ninguém menos que Homero, quando ele compõe a *Ilíada* e a *Odisseia*.

Aí os dois fios da minha pesquisa se atam: o interesse pela crise contemporânea e a identificação do valor metonímico de Homero dentro dessa crise, porque, desde a historiografia do campo, Homero desempenha esse lugar central. Isso eu chamei de “Evangelho de Homero”. Então, a ideia de uma centralidade de Homero como uma espécie de metonímia para falar dessa cultura clássica, e o que eu propus na tese, como resultado final, foi justamente isso. No capítulo um, investigar essa crise contemporânea. No capítulo dois, remontar por meio dessa historiografia dos estudos clássicos ao que é Homero, o que são esses poemas homéricos atribuídos a ele, o que foram outras tradições que poderiam ter se tornado

hegemônicas junto da homérica, o que foi a constituição dessa hegemonia no período arcaico, por meio de Pisístrato, por exemplo, na Atenas clássica que encena as tragédias, que encena as grandes Panateneias. Depois, o papel de Homero já no contexto helenístico de afirmação de uma identidade grega, quando um império macedônico espalha a cultura grega por todo o Oriente até a transmissão desse legado por meio do Império Romano para a Europa como um todo, que vai eventualmente desaguar no que é o período medieval e depois o Renascimento. Eu tento mapear historicamente esse debate no segundo capítulo, e no terceiro eu volto para questões contemporâneas, mostrando como o debate sobre o cancelamento de Homero, ou a afirmação de Homero como um grande defensor de valores ocidentais, é mais uma apropriação como as várias que ele sofreu ao longo da sua história, a história da sua recepção, e proponho uma intervenção, digamos, progressista nesse debate, tentando dizer que nem devemos afirmar Homero como um grande bastião da cultura ocidental, nem cancelá-lo como esse bastião, porque ele é outra coisa. A Antiguidade é outra coisa. Explorar esse caráter de alteridade da Antiguidade é o que mais me interessa. É o que tenho feito nos meus estudos e o que defendo nesses trabalhos. Essa tese, inclusive, vai sair agora em 2025, publicada pela EdUERJ, num formato mais sintético, visto que a tese é um pouco longa, com muitas notas. Esse livro vai sair ainda com o título de *O Evangelho de Homero: Por uma outra história dos Estudos Clássicos*.

Glaydson José da Silva (Revista Heródoto)

Rafael, obrigado. Um aspecto muito interessante da resposta que você deu à questão anteriormente formulada se relaciona à busca de respostas a uma interpretação que afeta todos os pesquisadores, estudantes, brasileiros particularmente, fora desses espaços originariamente considerados, originalmente ligados à história da Antiguidade. A busca de uma resposta a questões como essa é algo que inquieta e incomoda todos os estudantes na área de estudos clássicos, na área de estudos da Antiguidade. Eles são chamados a responder sobre a relevância dos seus estudos para os seus pares, para os seus colegas, amigos de universidade, familiares, pessoas da sociedade, de uma forma geral, e sempre se deparam com a enorme dificuldade de “justificar” (entre aspas), a relevância dos seus estudos, para além do fato da relevância em si, da relevância de se tratar de algo relacionado à história universal como um todo. Eu acho muito importante uma resposta como a sua, que dá subsídios para que os estudantes, os pesquisadores, possam formular respostas a essas questões com que eles se deparam. A minha terceira e última pergunta se relaciona a isso. Você fez referência na sua fala, na sua tese, e já na tese a gente pode perceber

pelo próprio subtítulo, “por uma outra história dos Estudos Clássicos”, a gente percebe por esse subtítulo uma preocupação com a ideia de desvio, com aquilo que está fora das normas, aquilo que está fora da tradição. Essa preocupação se faz presente em outros trabalhos que você realizou, conhecendo aí o seu percurso um pouco, e parece orientar também a proposta de organização do dossiê da *Heródoto*: “À margem da história dos Estudos Clássicos”. Eu gostaria que você comentasse um pouco essa perspectiva e, ao mesmo tempo, nos falasse também da história do dossiê, das contribuições que compõem o dossiê, dos colaboradores que você convidou.

Rafael Guimarães Tavares da Silva

De fato, eu me interesso por pensar essas alteridades, na medida em que, durante a minha formação, fui me dando conta de que nós, no Brasil, frequentemente incorporamos um discurso colonizador, imperialista, que muitas vezes é contrário aos nossos próprios interesses enquanto pesquisadores à margem, marginais. E isso me incomodava muito... Escutar colegas que têm problemas estruturais no seu cotidiano, mas que incorporam um discurso, por exemplo, sobre a *Pax Romana* como um período áureo de produção da humanidade, durante o qual todos eram felizes e tranquilos, sem se dar conta do que há de violência, do que há de exclusão, do que há de estruturalmente violento dentro dessa noção. Então, como nós, no Brasil, poderíamos repensar, por exemplo, um conceito como *Pax Romana*, veiculado por estudiosos de Cambridge, como se fosse, de fato, uma grande paz imposta tranquilamente pelo Império. Isso eu apliquei na leitura desse subgênero, chamado História dos Estudos Clássicos, porque, desde Friedrich August Wolf, que escreve algo nessa linha, em 1807, até os trabalhos de John Sandys, no início do século XX, Ulrich Wilamowitz-Moellendorff, Gaetano Righi, Rudolf Pfeiffer, Franco Montanari, todos eles estudiosos desses grandes centros: Alemanha, Itália, França, Inglaterra etc.

Percebi que esses discursos convergiam em muitos aspectos, e endossavam uma determinada versão dessa história. O que eu tentei propor foi uma versão alternativa, levando em conta a nossa inserção social brasileira, à margem, a fim de tentar pensar o que seria uma história dos estudos clássicos de uma perspectiva brasileira. E aí, eu propus que essa tese teria sido a primeira história dos estudos clássicos brasileira, ainda que depois eu tenha vindo encontrar os trabalhos do Agostinho da Silva, do Eudoro de Souza, que são duas contribuições presentes nesse volume da *Heródoto* e que me fazem repensar um pouco esse ineditismo conclamado ali,

porque, tal como o Bruno Borges, doutorando na UnB, mostra bem, tanto o Agostinho da Silva quanto o Eudoro de Sousa têm reflexões importantes sobre o que significa fazer estudos clássicos, escrever a história desse campo no Brasil, e atualmente a gente ainda tem a tradução para o português da *História da filologia* do Wilamowitz, traduzida pelo Thiago Venturott, publicada pela editora Mnema.

Então, esses são alguns dos trabalhos em português que a gente tem, além do meu, que nos permitem pensar, no Brasil, essa história dos estudos clássicos. São materiais que tentam pensar essa história hegemônica mesmo, a que está lá, acontecida na Europa, eventualmente nos Estados Unidos, cujas ressonâncias chegam ao Brasil. Uma empreitada paralela a essa seria a de estudar a história dos estudos clássicos brasileiros. Eu cheguei a aludir a isso muito brevemente no final da tese, depois escrevi uns dois trabalhos sobre o tema, mas é uma outra questão. E ela foi abordada já por alguns estudiosos no Brasil, como a Maria Celeste Consolin Dezotti e a Maria Helena de Moura Neves, num texto de 1987, pela Paula da Cunha Corrêa, em 2001, pelo Jacyntho Lins Brandão, em 2006, e pela Zélia de Almeida Cardoso, em 2014.

Todos esses trabalhos, aliás, como o meu, destacam a dimensão incipiente dos estudos acadêmicos sobre a Antiguidade greco-romana no Brasil, uma vez que os primeiros cursos universitários com áreas afins a ela são fundados nas primeiras décadas do século XX, ou seja, têm menos de um século de existência. Todos esses textos costumam enfatizar o papel fundamental de Rio de Janeiro e São Paulo na constituição do campo no Brasil, ainda que, conversando recentemente com o Bruno Borges (pesquisador já mencionado), esteja me parecendo cada vez mais estranho o silêncio em volta do trabalho de Eudoro de Sousa na UnB, nas décadas de 60, 70 e 80, porque a proposta dele por lá era bastante diversa daquilo que foi efetivamente cultivado na USP, na UFRJ, na UFMG, e em outros centros importantes do Sudeste e do Sul do Brasil: o estudioso português tentou estabelecer no Centro de Estudos Clássicos da UnB um modelo de *Altertumswissenschaft*, de estudo científico da Antiguidade, segundo os moldes preconizados por Wolf, lá na Alemanha, em que o estudo da Antiguidade envolvia não apenas uma valorização do legado clássico em termos literários e filosóficos, mas uma empreitada analítica sistemática do passado mediterrâneo, não restrito à Grécia e Roma, incluindo campos como Arqueologia, Numismática, Epigrafia, Estudos da religião, Mitologia etc. Para mim, resta ainda a investigar o porquê desse silêncio em volta de Eudoro de Sousa e do CEC na UnB. Uma pista investigativa envolveria a fundação da SBEC, a Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos, destinada a desempenhar um papel importante na historiografia do campo, e que

começa a surgir ali justamente no final da década de 80. Por quê? A SBEC é fundada em 1985, com a redemocratização no Brasil. Eudoro de Sousa já estava praticamente aposentado nessa época. A atividade dele já estava muito restrita, e ele falece em 1987. Então, é possível que o silenciamento em volta da figura dele tenha a ver com a institucionalização dos estudos clássicos enquanto uma grande área no Brasil, sob a liderança da USP, das universidades do Rio, e da UFMG em alguma medida. Resta a saber se essa hipótese se confirma ou não.

Estou trabalhando aí com o Bruno Borges, nessa frente. Ele, portanto, é um dos convidados para o dossiê da *Heródoto*. Antes de entrar nos nomes dos outros convidados, eu só gostaria, para não parecer injusto, de deixar de mencionar alguns nomes importantes que nos ajudam a entender a constituição da história dessa área, que é muito ampla, uma vez que envolve Letras Clássicas, História Antiga, Filosofia Antiga, Arqueologia etc. Alguns nomes: no que diz respeito ao estudo do latim e do grego no Brasil, assim como sobre a tradição de traduções de obras clássicas, eu menciono Ernesto Faria, Eduardo Tuffani, Thaís Fernandes, José Amarante Santo Sobrinho e Adriane da Silva Duarte, todos com trabalhos fundamentais sobre esses temas; no que diz respeito à História Antiga no Brasil, a gente está conversando com o Glaydson José da Silva, que tem importantes trabalhos sobre o tema, com destaque para o volume organizado por ele, junto com o Pedro Paulo Funari e o Adilton Martins, em 2007, assim como a obra intitulada *Pesquisadores da Antiguidade: A formação de um campo interdisciplinar no Brasil*, organizada por Guilherme Moerbeck e Fábio Frizzo, em 2023. A gente teria muitos outros nomes para mencionar no que diz respeito ao estudo da tradição clássica e da recepção clássica, mas, para quem tiver interesse, eu listo esses nomes num artigo chamado “Estudos Clássicos no Brasil: Um presente do passado?”, onde será possível encontrar essas referências.

Para a proposta de dossiê da *Heródoto*, eu propus que a gente refletisse sobre o que significa atuar com a Antiguidade greco-romana em centros menores, naquilo que a gente pode chamar de periferia intelectual, periferia em termos de comparação com os grandes centros hegemônicos do norte global, Estados Unidos, Europa. A princípio, eu fiz o convite para que pesquisadores periféricos, portanto, refletissem sobre o que significa atuar com essa área diante de todas as dificuldades estruturais, dificuldades de formação dos alunos, dos próprios professores, em universidades no Brasil, na América Latina, na África. Ainda assim, as contribuições que recebi não vieram apenas de pesquisadores atuando nessas condições, como, por exemplo, a que foi proposta por James I. Porter, que é um estudioso de Berkeley, nos Estados Unidos, Califórnia,

que propôs um trabalho intitulado “Philologies of the Present for the Future”, no qual ele investiga a condição de alguns pesquisadores em ambientes de perseguição, sobretudo na Alemanha nazista, mas que produziram investigações interessantes, uma vez deslocados dos centros de produção do conhecimento hegemônicos. Então, embora ele mesmo, enquanto estudioso, seja estadunidense e esteja localizado num grande centro, seu interesse se volta para esses estudiosos marginais, e faz deles um dos centros do seu trabalho. Esse artigo é muito interessante.

A gente tem ainda a María Cecilia Colombani, pesquisadora argentina, refletindo sobre o que significa ensinar as línguas clássicas e os autores clássicos no contexto que é o dela, na Argentina. A gente tem a professora Maria de Fátima Sousa e Silva, pensando sobre o que significa fazer clássicas em Coimbra, o que obviamente pode ser considerado um centro com relação ao Brasil, mas é uma periferia com relação aos centros hegemônicos na Alemanha, na França, nos Estados Unidos, na Inglaterra e na Itália.

Depois a gente tem a contribuição de Pauliane Targino, que reflete sobre uma breve história dos estudos clássicos na Universidade Federal do Ceará, e esse é um trabalho especialmente gratificante: a autora comentou que viu nesse convite a oportunidade para fazer uma espécie de levantamento/homenagem àqueles mestres que a formaram, e ela traz os primeiros professores de grego e latim da Universidade Federal do Ceará, oferecendo uma contribuição inestimável para quem venha a se interessar pelos estudos da antiguidade no ambiente universitário cearense. De outro colega aqui do Ceará, a gente tem uma contribuição intitulada “Pesquisa Plotiniana na Literatura Brasileira”, proposta pelo Robert Brenner, professor de Filosofia Antiga na Universidade Estadual do Ceará. Ele estuda aí sobre o legado de Plotino, o que diz respeito à produção intelectual de Filosofia Antiga brasileira.

A gente tem ainda a contribuição de Bruno Borges; na verdade, são duas contribuições. A primeira é um artigo que ele escreve em coautoria sobre “Eudoro de Sousa a contrapelo”, investigando as colaborações, os flertes do pensamento do jovem Eudoro com ambientes autoritários, na Alemanha do período nazista, e em Portugal, no período salazarista. Depois, quando ele chega ao Brasil, e tem uma primeira inserção no chamado Grupo de São Paulo, com Vicente Ferreira e Miguel Reale, no círculo do Instituto Brasileiro de Filosofia, em meio a nomes importantes do conservadorismo na filosofia brasileira. Trata-se, portanto, de uma contribuição interessantíssima para pensar no que é o legado de Eudoro, tendo, de certa forma, flertado com essas propostas autoritárias, em termos políticos, com inevitáveis implicações sobre a sua produção intelectual. A

segunda contribuição, que encerra o volume, é justamente o resgate de um trabalho do Agostinho da Silva sobre história dos Estudos Clássicos no Brasil, vista de uma perspectiva brasileira, que ele publica com a ideia de propor “uma teórica cabocla da filologia clássica”. Trata-se de um título provocativo, com essa ideia de uma teórica cabocla, mas é justamente porque ele vai pensar o que significa refletir sobre a filologia clássica da margem. É um diálogo, algo ficcional, proposto ali na Bahia, com reflexões sobre a Antiguidade Mediterrânea. O Eudoro de Sousa, inclusive, figura como uma espécie de interlocutor sugerido ali pelo texto.

Para resumir, eu fiquei muito feliz com esse dossiê, porque ele traz contribuições de diferentes áreas – Letras Clássicas, Filosofia Antiga e temas conexos – para pensar a história dos Estudos Clássicos no Brasil e em outros contextos à margem dos centros hegemônicos.

Glaydson José da Silva (*Revista Heródoto*)

Sem dúvida, teremos uma excelente contribuição com o seu dossiê, Rafael. Obrigado.

Filipe Noé da Silva (*Revista Heródoto*)

Obrigado, professor Glaydson. Eu me chamo Felipe Noé da Silva, sou professor da Universidade de Santa Catarina. É uma enorme satisfação participar dessa entrevista com o professor Rafael Guimarães, que eu estou conhecendo agora também. É uma enorme satisfação poder falar com o professor. Bom, dentre as questões que nós colocamos aqui, professor Rafael, eu vou apresentar uma questão bastante simples, mas que de certa forma converge com essa sua leitura, com essa avaliação que você fez da sua trajetória. Você já trabalha com a Antiguidade há mais de uma década. Durante esse tempo, na sua opinião, você presenciou modificações importantes no campo dos Estudos Clássicos? Se porventura a sua resposta for positiva, poderia comentar quais transformações te pareceram mais interessantes e promissoras para o desenvolvimento e a consolidação desse campo de estudos no Brasil?

Rafael Guimarães Tavares da Silva

Sim. Eu agradeço muito pela pergunta, porque, de fato, apesar de esse discurso da crise ser importado muito do debate nos Estados Unidos, o

Brasil, especificamente, sobretudo à luz de décadas anteriores, no que diz respeito à produção acadêmica voltada para os estudos clássicos, vive um *boom*, vive uma primavera. Essa primavera me parece reflexo das políticas que incentivam a educação pública, no início do século XXI no Brasil, devido, em larga medida, aos investimentos educacionais propostos pelos governos do PT, com o presidente Lula e depois a presidenta Dilma. Isso levou a uma diversificação gradual no perfil social de quem estuda Antiguidade Clássica no Brasil, porque novas pessoas vindas de diferentes camadas populares passaram a frequentar cursos de Filosofia, Letras, História e áreas conexas. Essa diversificação gradual levou a uma produção diversificada em termos de objetos de interesse, de novas metodologias, e tudo isso, de certa forma, qualificou o tipo de produção que pesquisadores brasileiros têm publicado nos últimos anos.

Eu, inclusive, fiz um estudo publicado num desses dossiês já mencionados, da revista *Em Tese*, justamente sobre o novo perfil social dos estudiosos da área no Brasil, identificando transformações no modo de entender nossa relação com o passado antigo, inclusive em termos de pautas progressistas. O título desse artigo é “Algumas verdades e mentiras sobre os Estudos Clássicos no Brasil”. Há um mapeamento aí, um levantamento de dados, então a gente percebe, por exemplo, que no Brasil a identificação étnico-racial dos pesquisadores ainda é majoritariamente branca, a localização dos estudiosos é majoritariamente no Sudeste, há uma maioria de homens (a proporção sendo de dois homens para uma mulher), que são tendências tradicionais na área, mas que têm aos poucos se transformado, e isso é alvissareiro. Isso é entendido por mim como extremamente positivo, porque caminha no sentido dessa diversificação do perfil social, socioeconômico dos pesquisadores, com implicações em termos práticos de pesquisa e, obviamente, em termos também de ensino depois, em termos de produção do conhecimento. Trata-se de um efeito em cascata que, apesar dos eventuais retrocessos dos últimos anos, será sentido ainda, me parece, na próxima década.

O incentivo em políticas públicas de valorização da educação, com bolsas de estudo, com eventuais programas de intercâmbio cultural em centros fora do Brasil, faz parte desse contexto de valorização dos estudos clássicos produzidos na Academia Brasileira. Isso tem reflexos práticos muito evidentes, como muito mais traduções publicadas no Brasil de obras clássicas nos últimos 20 anos do que entre 1950 e os anos 2000. Repetindo: o Brasil, nos últimos 20 anos, publicou muito mais traduções de obras clássicas do que entre 1950 e os anos 2000. Isso a gente pode dizer sem sombra de dúvidas, apesar das mudanças em termos de política educacional. Porque aí são duas coisas diferentes. O Latim, a História

Antiga, a Filosofia Antiga etc., têm saído do currículo, devido a debates educacionais muitas vezes politizados, mas raramente de uma forma crítica.

Daí, o Latim, por exemplo, saiu do currículo básico com mudanças propostas no período da ditadura cívico-militar, na década de 60. Depois, ele sai como matéria obrigatória da formação dos estudantes de Letras, com a nova Lei de Diretrizes e Bases de 1997. Isso, a princípio, nos levaria a ficar alarmados, porque são matérias perdendo o seu prestígio curricular. A mesma coisa, eu acho que a gente pode dizer do lugar da História Antiga, no currículo de formação dos historiadores, e da Filosofia Antiga no currículo de formação dos filósofos. Essa tendência de incompreensão sobre o potencial formativo dessas áreas em termos de educação e projetos pedagógicos por parte do Ministério da Educação é um problema.

Isso eu identifico como uma tendência complicada, que precisaria ser muito mais debatida antes da tomada de decisões como as que eu mencionei agora há pouco. Mas, paralelamente, o incentivo à educação pública tem dado esses frutos positivos em termos de produção do conhecimento, em termos de publicação de traduções, e a gente tem visto, inclusive, o surgimento de novas linhas de pesquisa, novos programas de pós-graduação fora do eixo Rio-São Paulo, o que é bastante alvissareiro também. Eu termino dizendo que, partindo da iniciativa, muitas vezes, dos próprios pesquisadores, a gente tem visto mais interação com a sociedade de modo geral, com projetos de extensão, projetos de inserção na comunidade, às vezes, ensino do latim, ensino do grego antigo, da mitologia e da história antiga, em escolas públicas, e mesmo o trabalho de divulgação científica nas redes: todas essas frentes que nos permitem ver essa transformação gradual da área com olhos bastante otimistas para o que ainda está por vir nos próximos anos no Brasil, em termos de uma produção de conhecimento que dialoga com a comunidade, que entende o que significa produzir esse conhecimento no Brasil, pensando as realidades locais, e ainda que tendências conservadoras, reacionárias, eventualmente se coloquem contra esse tipo de propósito, contra esse tipo de avanço, acho que a gente tem caminhado num sentido eminentemente promissor.

Filipe Noé da Silva (*Revista Heródoto*)

Muito bom, agradeço a sua resposta, professor, e a próxima questão vai um pouco nessa linha também, é um pedido, na verdade, para aprofundar sobre o que o professor acabou de dizer. Nós verificamos no seu currículo que você tem coordenado um projeto de extensão intitulado “Mito em

Cena”, que precisamente, como você já nos antecipou, é um projeto que trabalha a tradição textual antiga, grega e latina, com crianças e adolescentes em escolas públicas. Então nós gostaríamos, por um lado, que você comentasse a importância dos trabalhos de extensão como um todo, ou seja, dessas iniciativas de a universidade ultrapassar seus muros, chegar, de fato, a estabelecer diálogos profícuos com as comunidades diversas; por outro lado, se possível, a gente queria saber também um pouquinho sobre as impressões que você tem obtido por meio desse contato com os jovens, como você mencionou, crianças e adolescentes, por meio desse repertório textual antigo mesmo.

Rafael Guimarães Tavares da Silva

A extensão é um dos pilares da universidade pública brasileira, não à toa, previsto inclusive em dispositivo constitucional. Lá, fala-se de pesquisa e ensino, com o terceiro pilar sendo a extensão porque é justamente esse diálogo com a comunidade que faz com que o conhecimento produzido e transmitido no ambiente universitário tenha um sentido efetivo para a comunidade em que essas universidades estão inseridas. Esse diálogo tem que se dar numa chave multidirecional e não trabalhar com a lógica de uma mera transmissão do conhecimento acadêmico para essas comunidades externas, porque é nos ambientes de troca, nos ambientes de intercâmbio, que surge a oportunidade profícua de pensar o novo, de pensar o diferente. É esse o trabalho que eu tenho promovido aqui na Universidade Estadual do Ceará, *campus* Aracati, que se localiza no litoral leste do Ceará, numa cidade de cerca de 90 mil habitantes, não muito grande, mas também não muito pequena. Tem sido especialmente alvissareiro pensar aí nas oportunidades que a extensão oferece para um pesquisador.

Eu tenho mantido dois projetos, um de extensão, intitulado “O Aracati literário”, e um de iniciação artística, intitulado “Mito-em-cena”, por meio dos quais eu tenho entrado em contato com a produção local, buscando valorizá-la, a produção artística ou cultural, e, por outro, levar algo dessa formação acadêmica no campo das antiguidades para trazer para o debate, junto à comunidade em geral, mas também a jovens de escolas públicas, e pessoas que queiram frequentar os eventos que a gente promove. Essa troca tem sido muito profícua por meio do “Mito-em-cena”. A princípio, com os próprios estudantes da graduação, nós lemos tragédias antigas, e eles escolheram fazer uma adaptação de *Antígona* para abordar temas que são debatidos ali.

Essa adaptação me surpreendeu fundamentalmente porque eles conseguiram, sempre em diálogo comigo, fazer uma adaptação para o que a gente chama de “casamento matuto”, que é basicamente uma encenação durante uma quadrilha de festa junina. E por que isso me surpreendeu tanto? Porque eles pegaram uma tragédia, extremamente trágica, de Sófocles, que é a *Antígona*” na qual a maior parte dos personagens morrem, mas transformaram isso numa encenação cômica. Como isso foi possível? Com uma transvaloração do sentido da morte, porque no enredo de *Antígona*, no enredo original, Antígona morre enfrentando os desmandos de seu tio, Creonte, que tinha proibido o enterro de um dos seus irmãos, aquele que morreu atacando a cidade de Tebas, e ela decide se contrapor a essa proibição, pagando com a própria vida, porque, para ela, prestar as honras fúnebres para o irmão era um dever muito acima da manutenção da própria vida. O que esses estudantes propuseram foi trazer o conflito fundiário para o primeiro plano: então, a gente tem um conflito entre dois irmãos que morrem e cujas terras terminam na mão de uma espécie de mandatário local, Seu Creonte, que resolve não permitir o enterro de um desses irmãos (o que tinha vindo da cidade tentar tomar as terras que pertenciam à família). Maria Antígona se contrapõe à lei imposta por esse mandatário local, e ela acaba pagando com a própria vida por isso. Contudo, os estudantes propuseram uma virada, que foi transformar o romance muito lateral no enredo original de Sófocles, entre Antígona e Hêmon, num ponto central da trama, fazendo com que Hêmon se tornasse Hemona, uma personagem do sexo feminino.

Daí o romance entre elas, Antígona e Hemona, ganha um tom homoafetivo. A perseguição por parte desse tio assume então uma dimensão homofóbica, e essas duas mulheres enfrentam a morte, mas a transvaloração proposta pelos estudantes foi justamente a de que, na verdade, a festa de casamento delas aconteceria no mundo dos mortos. Quando Antígona morre, Hemona se suicida e vai acompanhá-la, isso engendra, como em Sófocles, uma série de outras mortes, mas em vez de ter o tom trágico original, isso tem um tom cômico, porque, à medida que as pessoas vão morrendo, elas vão migrando para uma cena que está no mundo dos mortos, que é onde o casamento efetivamente acontece, e o único excluído de poder participar desse casamento é Creonte, que fica condenado à vida.

Então, eu achei essa experiência muito legal. A gente terminou essa fase de adaptação, apresentou a peça já num festival literário que aconteceu no Aracati, e em dois eventos acadêmicos que nós conseguimos propor, com a recepção do público tendo sido muito boa, porque, embora o enredo original de *Antígona* não necessariamente seja sempre conhecido, quando

a gente situa um pouco a ação e o público acompanha os atores em cena, eles entendem imediatamente tudo o que está em jogo. O problema dos desmandos de um governante autoritário, na nossa adaptação, surge em trejeitos de fala, como “Zeus acima de tudo, a terra acima de todos”, ou algo assim, com ecos do discurso reacionário político brasileiro contemporâneo aparecendo no que Seu Creonte defende. As questões de gênero e de sexualidade também aparecem tematizadas. Mas há muito riso, porque tudo termina numa espécie de carnaval, tocando um forró tradicional, da banda “Mastruz com leite”, que dá início a uma quadrilha. Então, a ideia com que a gente tem trabalhado no projeto é encenar isso, de fato, durante as quadrilhas juninas aqui na região do Aracati, neste próximo ano de 2025. A nossa recepção vai ser muito mais ampla e talvez mais complexa, porque o ambiente será muito menos controlado em termos de público. Qualquer pessoa que estiver frequentando a festa junina onde a performance for proposta pode acompanhar. É uma adaptação que dura ali uns 30 minutos, mas que é muito dinâmica, com falas curtas, cenas curtas, então, eu acho que a recepção não será prejudicada por um excesso de intelectualismo.

Daria para mencionar outros aspectos, mas em todo caso, o que eu gostaria de destacar como muito positivo dessa experiência é que o diálogo com a comunidade, quando ele acontece de forma efetiva, permite que o novo apareça. Eu digo isso porque essa proposta de adaptar *Antígona* para um casamento matuto veio de oficinas em que a gente estava apresentando tragédias gregas para o público aqui no Aracati. Então, isso foi surgindo aos poucos, não uma proposta que tenha vindo de mim. Inclusive, adaptar *Antígona* para um enredo cômico, eu não saberia como fazê-lo, mas descobri que isso é bastante próprio de um certo *ethos* aqui do litoral leste cearense: saber rir de tudo, saber colocar o riso até perto da morte. Então, tem sido bem legal esse trabalho.

Filipe Noé da Silva (Revista Heródoto)

Eu adorei, fiquei curioso para assistir também. Muito boa a iniciativa. Bom, professor, para nós encerrarmos, então, tem uma última questão que diz respeito à escavação arqueológica de que você participou recentemente. Você teve contato, portanto, direto com a cultura material antiga, é uma oportunidade ímpar. Então, se possível, gostaríamos que você comentasse a importância dessa experiência arqueológica, digamos assim, para sua formação mesmo como pesquisador, como professor, e mesmo como ser humano também, de uma formação, só que muito ampla.

Rafael Guimarães Tavares da Silva

Excelente pergunta. Isso aconteceu na minha formação duas vezes. A primeira em 2018, quando participei do curso “Exploração Cultural das Cíclades”, na Grécia, oferecido pelo Instituto Diakron, com uma temporada de aprendizado arqueológico e escavação *in loco*, na ilha de Despótico, no Egeu, no âmbito do projeto “Tocando o Passado”, idealizado e promovido pela professora Maria Cecília de Miranda Nogueira Coelho, do curso de Filosofia da UFMG, a quem eu agradeço sempre por essa oportunidade.

Esse primeiro contato com a materialidade do passado clássico me despertou para uma série de aspectos até então não contemplados por minha abordagem no campo dos Estudos Clássicos, e eu comecei a refletir cada vez mais sobre a realidade material da produção do conhecimento, mesmo a produção do conhecimento no Brasil, pensando ali na minha sala de aula, na minha biblioteca, no meu acesso aos repositórios de dados, e incorporei esse tipo de consideração nas notas tomadas para a elaboração da minha tese. Isso aconteceu num momento muito formativo para mim. Ter tido contato ali com as dificuldades materiais, com o que arqueólogos que trabalham em todo o mundo experimentam. A gente pensa na Grécia, o chamado berço da civilização ocidental, e não sabe que as dificuldades são muitas... A maior parte da mão de obra que faz as escavações vem de voluntários, não tem muito dinheiro envolvido, tem uma dimensão de improvisação nesse trabalho, de tomada de decisão *in loco*, sem muitos meios, e isso inclusive me aproximou de pesquisadores gregos que compartilham dessas dificuldades materiais com pesquisadores brasileiros. Percebi que a gente tende a trabalhar bem junto, Brasil e Grécia, e refletir sobre isso me ajudou a pensar inclusive no que foi a constituição, por exemplo, do cânone homérico na Antiguidade. Comecei a pensar quais eram os interesses políticos envolvidos na conservação desse material, porque a princípio, dadas as condições de clima da Grécia, tudo se perderia; quais eram os interesses envolvidos em transmitir esse material, a princípio oralmente, mas depois por escrito; quais eram as forças políticas em jogo, e aí obviamente surge a Atenas do período clássico, depois a Alexandria do período helenístico, com todo um ideal de helenidade, sobre o que significa ser helênico, que depois é transmitido para Roma, e que é de certa forma reivindicado por Roma, responsável por transmitir isso para as gerações seguintes... Ter tido contato com essa realidade material me chamou atenção para isso, para os jogos de interesse envolvidos na transmissão do legado, porque a princípio tudo deveria se perder, ou tudo deveria ter se perdido. Perdeu-se uma parte. É importante perguntar por

que essa parte se perdeu, mas me parece que uma pergunta complementar é por que uma parte não se perdeu.

Achei de fato fundamental para a minha formação esse contato, e um segundo contato aconteceu em 2019, quando eu, mais uma vez, envolvido com esse projeto da professora Maria Cecília Coelho, “Tocando o passado”, fui para uma escavação no sítio *arqueológico* da antiga Eleuterna, em Creta, sob a supervisão do professor Nikolaus Stampolidis, que na época era diretor de dois importantes museus de Atenas: o Museu da Acrópole e o Museu de Arte Cicládica. Posso dizer sem titubear que nunca aprendi tanto sobre a história da arte antiga quanto nas semanas em que acompanhei a equipe do professor Stampolidis em Creta, entre museus e trincheiras de escavação: a gente acompanha todo o processo, que inclui desde o uso de picaretas, carrinhos de mão, para tirar a terra dos buracos, até a limpeza dos artefatos, o cuidado que eventualmente é preciso quando você está chegando em um extrato que contém objetos de potencial arqueológico, a limpeza, a avaliação, o estudo das peças depois em laboratório, com os microscópios... É toda uma dimensão do trabalho que muitas vezes a gente não conhece, porque só lidamos com os livros, ou os artigos que trazem o resultado final, mas que é interessantíssimo acompanhar para a gente justamente compreender a dimensão de subjetividade que há também no trabalho arqueológico, porque às vezes a gente pensa que a materialidade pode ser mais objetiva do que o trabalho com os textos, o trabalho com a análise dos fatos passados, mas essa dimensão subjetiva existe também na análise dos objetos, e ter tido esse contato com a equipe do professor Stampolidis foi muito esclarecedor. Às vezes uma estatueta era encontrada e eles postulavam que era Zeus, mas no meio das discussões diziam: “Espera aí, pode ser Poseidon, pode não ser nenhum deles, pode ser uma outra figura”. Ver isso acontecendo é quase como estar ali atrás, nos bastidores da produção do conhecimento. Quando você vê a discussão acontecendo, dá para perceber que as certezas da Arqueologia são menos objetivas do que às vezes se diz, então isso foi muito esclarecedor para mim enquanto pesquisador das Humanidades também.

Filipe Noé da Silva (*Revista Heródoto*)

É quase um aparato crítico.

Rafael Guimarães Tavares da Silva

Exatamente, um aparato crítico do artigo arqueológico. Exato.

Filipe Noé da Silva (*Revista Heródoto*)

Quase um aparato crítico ao vivo e a cores, rs. Bom, acho que a gente pode encerrar, Professor Glaydson? Agradecendo a participação do Rafael Guimarães, pela disponibilidade, tanto por ter participado dessa entrevista, mas também, sobretudo, por ter levado a cabo a organização deste dossiê. A gente sabe que é, para ficarmos ainda no âmbito desse trabalho, algo hercúleo, é sempre muito pesado, muita coisa, muita gente envolvida, então gostaríamos de agradecer ao professor pela organização do dossiê, pela participação na entrevista também.

Rafael Guimarães Tavares da Silva

Eu que agradeço, Felipe Noé, pelas perguntas, e agradeço encarecidamente a parceria com o Glaydson José da Silva, que é um pesquisador que admiro já há muitos anos e que me deu a honra de poder organizar este dossiê da *Heródoto* com um trabalho, de fato, hercúleo, porque é difícil fazer essa gestão com os convidados, a questão dos prazos, o envio de textos, não só em português, mas com a tradução para o inglês, uma especificidade da *Revista Heródoto* que torna mais difícil o processo de recebimento desse material, ainda que, ao mesmo tempo, qualifique muito o tipo de produção alcançada depois, justamente em termos de acessos, de difusão desse material. Agradeço muito pelas perguntas que vocês fizeram hoje. Foi uma entrevista em que eu pude revisitar diferentes aspectos da minha carreira, diferentes engajamentos com os quais eu busco trabalhar e que muito me gratifica terem sido reconhecidos por vocês, enquanto leitores, enquanto estudiosos da área, então, para mim, é muito bom ter participado desse debate, dessa entrevista, e da promoção deste novo número da *Revista Heródoto*. Eu agradeço muito.

Glaydson José da Silva (*Revista Heródoto*)

Nós também estamos muito felizes, Rafael, com seu aceite. Tivemos uma excelente entrevista, e tenho certeza de que os nossos leitores, ou ouvintes, ou quem for assistir a essa entrevista, uma vez que a gente divulga em diferentes formatos, todos terão uma excelente experiência com a sua

entrevista. Então, muito obrigado e em breve teremos no ar, disponível, o dossiê organizado por você e aqui o nosso registro de agradecimento. Muito obrigado.